



JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, março de 2004 - Ano 18 - nº 84

Agora, seguro de vida é com a MetLife® Brasil

A partir de 1º de janeiro de 2004, a Seguradora MetLife® Brasil, assumiu o seguro de vida em grupo, mantido pela FAEF.

Página 3

Da cesta básica ao vale-gás

Quando se observa a movimentação da economia, com a visão atenta na mão-de-obra utilizada na produção de bens e serviços, o quadro é desanimador.

Página 3

Métodos quantitativos na Embrapa

Este é o título da publicação por nós veiculada na Embrapa, que relata a história dos métodos quantitativos na Empresa e sua cronologia e perspectivas para o futuro.

Página 8

Nesta edição, o destaque é Júlio de Paula Martins, da Embrapa Milho e Sorgo. Ele trabalha na Empresa há 28 anos.

Página 5



Júlio de Paula Martins



"Diabinhos Verdes": Edvalson, Mocoim, colaborador do Jornal da FAEF e autor do livro **Brasil, do Descobrimento à Vitória** conta, de forma bem-humorada, sua versão sobre a polêmica dos transgênicos. O texto é ilustrado pelo jornalista Paulo Euler.

Página 8

"A Embrapa é mais que um simples local de trabalho".

AEEs em destaque

Confira na página 4

Editorial

O lado bom da vida também está nas oportunidades de crescimento que os desafios nos oferecem. Vivemos tempos de globalização que resultam em mudanças rápidas no meio social, com influência decisiva na vida de instituições e pessoas. Muitas vezes, para agüentar o tranco, a gente precisa de encorajamento. Segundo o Dicionário Aurélio, encorajar significa "tomar coragem; animar-se", e funciona como uma retomada de energia para continuar tocando o barco. Em nosso meio, também não é diferente.

As mudanças estão norteadas pela dinâmica natural dos acontecimentos. Um dos mais significativos dos últimos dias foi a substituição de seguradora para o seguro de vida administrado pela FAEE. A partir de 1º de janeiro, último, a **Seguradora Met Life® Brasil** passou a ser a responsável pela cobertura da

massa segurada administrada por esta Federação, nos próximos 2 anos.

Outra novidade é o surgimento da AEE Oeste Paraense. A caçula do colegiado de AEEs, que compõem nossa Federação, é sediada em Santarém, PA, e congrega os empregados do Núcleo do Médio Amazonas, vinculado à Embrapa Amazônia Oriental.

Este ano de 2004 sinaliza com muitas realizações. A FAEE, como sempre, estará aposta para o cumprimento de sua missão institucional, voltada para o bem-estar da família Embrapa, empenhada nas ações sociais, culturais e desportivas, nas quais concentra seus objetivos e sua luta.

Maria do Rosário de Moraes
Vice-Presidente da FAEE

JORNAL DA FEDERAÇÃO

Sua participação é importante

Você também pode participar como colaborador deste Jornal. Basta enviar artigos e contos com até 60 linhas. As poesias e letras musicais têm lugar cativo. O enfoque editorial é pautado, principalmente, pelo social, cultural e o esporte. Sua colaboração é muito importante para nós.

Umas & Outras

"Quando se é orgulhoso e egoísta, não há possibilidade de não violência. Ela não pode existir sem humildade".

Mahatma Gandhi

"Todos nós experimentamos a solidão nos grandes momentos de aferir valores espirituais".

André Luiz

"Se nos incomodamos com a falta dos outros, é precisamente porque elas nos fazem lembrar dos nossos próprios defeitos".

Anthony de Mello

Expediente

Diretoria
Presidente: Ismael Ferreira Graciano
Vice-Presidente: Maria do Rosário de Moraes
Diretores: Nicola Radica,
Eurenice Neves de Oliveira e
João Quintino de Moura Filho

Conselho Fiscal
Titulares:
Maria Alice V. V. de Albuquerque (AEE/Parnaíba),
Rosângela dos Reis Guimarães (AEE/Amazonas)
e Anélio Evilázio de Souza Júnior (AEE/BG)

Suplentes:
José Roberto Ferreira (AEE/CNPGL)
João Ronaldo Novachinski (AEE/Dourados) e
José Roberto Freire (AEE/CNPGC)

Presidentes das AEEs:
AEE/DF - Manoel Pessoa Filho
AEE/CNPH - Antônio Olímpio dos Santos
AEE/CPAC - Gelson Aurélio Minela
AEE/CENARGEN - Nilson Alves Carrijo
AEE/GO-CNPAC - Abidon Teodorico dos Santos

FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

AEE/CNPGC - Dina Haluco Tamasiro
AEE/CPAP - Oslain Domingos Brancos
AEE/Dourados - João Ronaldo Novachinski
AEE/CNPAB - Marisa Teixeira Mattioli
AEPARJ - Sérgio Trabal Camargo Filho
AEE/RC - Marlene Aparecida da Silva
AEE/GL - Éder Sebastião dos Reis
AEE/CNPMS - Anizio Ferreira Gomes
AEE/CTAA - Adriana Paula da Silva Minguita
AEE/São Carlos - César Antônio Cordeiro
AEE/SM - Joel José Pinheiro
AEE/CNPS - Sérgio Gomes
AEE/CNPTIA - Suzilei F. de A. G. Carneiro
AEE/CNPMF - Benedito Batista Conceição
AEE/CNPA - Antonio Adalberto de Brito
AEE/Parnaíba - Sebastião Carneiro M. Filho
AEE/CNPC - Edmilson Gomes do Nascimento
AEE/Cajú - Vanderléia Bezerra de Oliveira
AEE/Sergipe - Maria Adélia da C. Messias
AESA - Crisostomo de Albuquerque Júnior

AEE/RN - Tarcísio Batista Dantas
AEE/Teresina - José Gomes da Silva
AEE/Acre - José Tadeu de Souza Marinho
AEE/RR - Haron Abrahim Magalhães Xaud
AEE/CPAF-RO - Rogério Sebastião C. da Costa
AEE/Amapá - Carlos Alberto Monte V. Pinheiro
AEE/Amazonas - Antônio Sabino Neto
AEE/Oeste Paraense - Nivaldo N. de Carvalho
AEE/Pará - José Ribamar Santos
AEE/BG - Gláucia Maria Savoldi Moy
AEE/Florestal - Yeda Maria Malheiros de Oliveira
AEE/Pelotas - Gilmar Chaves Alves
AEE/Bagé - Ana Adelaide Jardim Barcelos
AEE/CNPSA - Valéria Maria N. Abreu
AEE/CNPSO - Rubens José Campo
AEE/PF - Raul Alves dos Santos
AEE/Transferência de Tecnologia - Ponta Grossa - Cleison Emídio de Souza

Federação das Associações dos Empregados da Embrapa
Sede: Edifício FAEE - SHCG/Norte 714/715 Bloco "B"
Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF
CEP: 70760-780
Fone: (0xx61) 347-3590
Fax: (0xx61) 273-7150
E-mail: faee@solar.com.br
Homepage: www.fae.org.br
Jornalista Responsável: Lineu Marcos Gobeth
MTb 376/PB - E-mail: lineu@sede.embrapa.br
Fotos: AEEs
Jornal da Federação é uma publicação da FAEE.
Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo.
Redação e edição: Nicola Radica
Revisão de Texto: Francisco Martins - RG 1493/MTb-DF
Diagramação e Montagem: Hilton Pereira Sant'Ana
Fotolito e Impressão: Plano Piloto Serviços Editoriais
Tiragem: 12 mil exemplares

Da cesta básica ao vale-gás

Quando se observa a movimentação da economia, com a visão atenta na mão-de-obra utilizada na produção de bens e serviços, o quadro é desanimador.

A figura do emprego formal, da carteira assinada, já é um privilégio de poucos. Hoje em dia, qualquer tipo de ocupação é disputada com unhas e dentes, até no mercado informal. Os especialistas nessas questões formulam teorias e indicam soluções que, na prática, nunca alcançam os resultados esperados.

O êxodo rural é um caminho sem volta pela absoluta falta de opção no campo, e sem perspectiva de melhora. Pelo que se mostra, a reforma agrária será sempre a utopia da posse da terra, mesclada com interesses políticos, de solução paliativa. Mesmo porque a experiência sugere que, para responder economicamente aos anseios e às exigências das pessoas, é preciso que as atividades agrárias

extrapolem a subsistência e sejam de porte e de caráter empresarial.

A verdade é que os grandes centros urbanos estão inchados de tal forma que a ocupação de pontes, viadutos e outros espaços públicos por sem-tetos – vistos como gente da última classe por seus próprios compatriotas – já é uma rotina de vida. Nas médias e pequenas cidades do País, a realidade não é diferente. A fome e a miséria, que conduzem à violência, se espalham em decorrência de absoluta falta de oportunidades, de trabalho, fato que salta aos olhos e que não é novidade para ninguém.

As indústrias de bens e serviços cada vez mais produzem com menos gente trabalhando. A automação predomina em quase tudo. O pouco da ocupação formal – que ainda resta às camadas mais pobres da população – sobrevive sob forte pressão, como é o caso, por exemplo, da atividade canavieira, denominada de corte da cana,

último refúgio de uma legião de bóias-frias, que se encontra ameaçada por potentes e funcionais colheitadeiras que superam a mão-de-obra humana em custo e qualidade.

Como se constata, a população está aumentando e as ocupações ou empregos diminuindo a cada dia pela ação do progresso, que não se dobra aos interesses e às convenções humanas. As classes menos favorecidas, que se disseminam, são as mais prejudicadas pelo avanço tecnológico.

Se o progresso científico e a robótica industrial acabam com a atividade laboral ou mão-de-obra repetitiva nas linhas de produção, o empresário tende a obter maiores lucros com a isenção de pagamento de salários e encargos sociais. Nessas condições, os fatos indicam que resta ao governo elevar a carga tributária da riqueza concentrada, para responder pelo custeio e a sobrevivência da massa desprotegida, como uma forma compulsória de dividir

a fortuna de poucos que cada vez mais se avoluma neste País. A única saída que se vislumbra tende para a taxaço da empresa com atividades informatizadas e robotizadas que concentra riqueza e não paga salários, principalmente os bancos, a socializar os lucros via impostos para o carente sobreviver.

A realidade mostra que a cultura da cesta básica e do vale-gás, entre outros, veio para ficar, pois nesse contexto, o próprio desenvolvimento da ciência e das tecnologias conspira principalmente contra a crescente massa trabalhadora de mão-de-obra sem qualificação. Talvez, pela cesta básica, vale-gás, bolsa-escola, renda minha e outras, tímida e despercebidamente, já se tenha iniciado a almejada divisão de riqueza pela intervenção do Estado, cujas conseqüências só o futuro responderá.

Nicola Radica
faee@solar.com.br

Agora, seguro de vida é com a Met Life® Brasil

*O seguro de vida em grupo administrado pela FAEE tem nova Seguradora. A partir de 1º de janeiro último, entrou a **Met Life® Brasil**, cujo contrato vigorará por 2 anos (de 2004 a 2005).*

As taxas foram reduzidas em comparação com aquelas praticadas pela última seguradora. O subgrupo de aposentados teve uma redução do prêmio em torno de 40%.

Qualidade de Vida da Embrapa Soja

Preparação para a aposentadoria: fator de qualidade de vida"



Grupo de dança da Secretaria do Idoso de Londrina, PR, um destaque no evento.

Foi o workshop ocorrido recentemente na Embrapa Soja. Participaram do evento os empregados daquela Unidade, em especial os que estão na pré-aposentadoria, os aposentados (ex-empregados), profissionais de recursos humanos de diversas empresas, professores universitários e estudantes de psicologia. O tema despertou o interesse da comunidade e atraiu muita gente ávida por informação.



Edmundo Carlos, Pedro Vespero, José Cezario e Manoel Baptista, alguns dos ex-empregados aposentados.

Nova AEE Oeste Paraense

Enfim, foi eleita a primeira Diretoria da AEE-Oeste Paraense, com sede em Santarém, PA. É composta pelos empregados da Embrapa lotados no Núcleo do Médio Amazonas, vinculados à Embrapa Amazonia Oriental.

É a caçula do colegiado, que promete engajamento e compromisso. A Diretoria está empenhada em fazer as coisas acontecerem. A programação de eventos sociais, culturais e desportivos será divulgada oportunamente.

Presidente: Nivaldo Nascimento de Carvalho

Vice: Daniel Luiz Leal Mangas

Diretor Adm.: Edson Ferreira Amaral

Vice: Joanielson Lameira dos Santos

Diretor de Patrimônio: Antenor Gentil

Vice: Luiz Parente de Sousa

Diretor Social: Delcira Rodrigues Rocha

Vice: José Rui Teixeira de Souza

Diretor de Esportes: Luiz Alberto Figueiredo de Vasconcelos

Vice: Eduardo Bernardes Rebelo

Conselho Fiscal

Efetivos:

1º - Raimundo Leite Ferreira

2º - Lúcio Reginaldo Seixas

3º - Ernir Rodrigues Gentil

Suplentes:

1º - Antônio Jerônimo Melo Barros

2º - Valdemir Rodrigues de Lira

3º - Gladys Beatriz Martínez

Nova Diretoria da AEE Amazonas (2004/2005)



Da esquerda para a direita

Presidente - Antônio Sabino Neto (4º)

Vice-Presidente - Maria Augusta Abtibol Brito (3º)

Diretor Financeiro - Carlos Alberto da Silva (1º)

Diretor Administrativo - José Raimundo da S. Barbosa (2º)

Diretora Social e Cultural - Adriana Barbosa de Souza (5º)

Diretor de Esportes - João Socorro de A. Silva (6º)



“A Embrapa é mais que um simples local de trabalho”. (Júlio de Paula Martins)

Júlio de Paula Martins, assistente de operações da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas, MG, é o entrevistado desta edição. Ele



tem quatro filhos e alguns netos que fazem a alegria do seu convívio familiar: Guillian Paula Martins e Ellen Martins, casadas, já lhe presentearam com quatro netos. Júlio Jr. e Etienne Martins são os dois filhos mais jovens, comprometidos com os estudos.

Os entrevistados sempre são estimulados a emitirem o conceito de família. Para Júlio,

foi naturalmente. “A família é tudo. É a base de sucesso na vida”, afirma.

A história de Júlio com a Embrapa é inusitada. Aos 13 anos de idade, já trabalhava no mesmo local onde atualmente está instalada a Embrapa Milho e Sorgo, como prestador de serviços ao antigo DNpea. Naquela idade, já participava da instalação de experimentos e outras atividades de pesquisa. Nascido e criado no mesmo local, jamais saiu dali nos seus 56 anos. “Eu e a Embrapa nos absorvemos em 1º de setembro de 1975. Quando ela chegou, eu já estava aqui”, declara, enfático. Atualmente, ainda trabalha em campos experimentais, subsetor de práticas culturais, e diz gostar muito do que faz. O que não poderia ser diferente, depois de toda uma vida na mesma atividade.

Em tais circunstâncias, os conceitos sobre a Embrapa também são espontâneos, nem precisa provocar. “Cheguei na idade, mas visto a camisa dessa Empresa, porque ela veio para ficar”, afirma com convicção.

Júlio não anda muito animado com o cenário social, econômico e político do País.

“Vejo uma situação cada vez mais difícil, mais dependente, a gente nunca vê uma notícia que nos dê paz. Na política, é só mentira, não cumprem as promessas. Temos um povo muito bom. Dizem que Deus é brasileiro, acredito que é mesmo”, sentencia.

No tocante às questões sociais, Júlio cita a segurança pública como um grande problema pela perda de credibilidade. “A sociedade está perdendo a confiança nas autoridades, nem neles a gente pode mais confiar. A gente não sabe mais o caminho”, completa taxativo.

Para ele, a questão do emprego é também um caso muito sério. “Não vejo saída para o governo empregar tanta gente. É uma calamidade! Por falar em emprego, bato palmas para a Embrapa. Ao ver o sofrimento das pessoas desempregadas, imagino o quanto é feliz quem – como eu – tem um emprego sólido e seguro, proporcionado pela Embrapa”, declara.

Para concluir, Júlio externa o desejo de ver os filhos encaminhados e estruturados na vida, e faz questão de uma mensagem final: “Gostaria de

deixar registrado para meus colegas de trabalho que estou aposentado e continuo trabalhando. A qualquer momento, “penduro as



chuteiras”, mas que eles vistam a camisa dessa Empresa, não deixem a bola cair, porque a Embrapa é mais que um simples local de trabalho, é muito importante para nós e para o País, e está acima da nossa capacidade de avaliar”, conclui emocionado.

Texto: Nicola Radica

Ceres completa 25 anos

Neste ano, a Fundação Ceres faz aniversário. São 25 anos de relevantes serviços prestados a seus participantes e assistidos.

O 25º Aniversário da Ceres será comemorado com uma programação especial. Acompanhe e participe das comemorações.

Casamento no Angico

Nunca, jamais, em tempo algum e em nenhum lugar, se viu festa parecida com aquela do casamento da Lilica, realizado na fazenda Angico, numa época em que a fartura era uma das coisas mais comuns no interior das Gerais, apesar de se vivenciar todo o atraso em relação ao que se considera vida moderna e, como não podia deixar de ser, o Padre João foi o celebrante; homem grande e amorenado, de fala mansa e de grande disposição; vigário do Ramalhete, vilarejo mais próximo, e amigo da família, que não se importava de viajar longas distâncias para atender seus paroquianos espalhados pelas inúmeras fazendas.

Na véspera do casamento, quando era grande o número de pessoas vindas de fora, foi necessária uma providência tática para uns e trágica para alguns: as camas e as acomodações foram destinadas às crianças pequenas. As maiores de 10 anos, os adolescentes e os adultos deveriam se virar para encontrar um lugar onde pudessem se abrigar do frio da noite.

Encontrar esconderijo para brincar é moleza para as crianças, mas encontrar abrigo nunca foi fácil para a garotada, principalmente numa fazenda. Os mais espertos conseguiram logo um jeito de entrar no forno destinado a assar os biscoitos de polvilho; outros

procuraram abrigo no paiol, enterrando-se na montanha de milho, mas isso durou pouco. Logo começaram a aprontar tal confusão dentro do paiol, que vovô Juca se viu obrigado a colocá-los para fora e passar cadeado na porta. Daí, a alternativa que restou foi passar a noite em volta da fogueira.

Mas passar a noite em volta de uma fogueira na roça não é coisa para qualquer garoto. Enquanto os adultos se aqueciam por dentro e por fora, dançando "caboclo" a noite inteira, ou saboreando uma pinga de alambique, a molecada, com os braços cruzados para se proteger do frio, percebia que o lado voltado para o fogo ficava por demais aquecido, enquanto o outro lado quase que gelava. E no vira-vira constante, esquentando ora um lado, ora outro, a noite se eternizava; daí, nada houve para eles de mais bonito que a vermelhidão que começava a tingir o céu, porém numa lentidão agonizante, até que, finalmente, o dia do casamento amanheceu; e como amanheceu radiante!

Os adultos, que passaram a noite em volta da fogueira, com aqueles que dançaram "caboclo" a noite inteira, foram auxiliar nos preparativos finais, enquanto as mulheres davam o retoque final na arrumação da casa, à espera dos convidados locais. Para isso, uma imensa mesa, feita de tábuas inteiras montadas sobre vários cavaletes, foi disposta no terreiro na lateral da casa

principal.

As crianças, sempre dispostas a ajudar e, muito mais a bagunçar, se dispuseram todas a auxiliar no preparo dos últimos doces. Tudo começou sem problemas e ia bem até que um menino mais endiabrado tossiu sobre o doce que enrolava na mão; outro garoto, um pouco mais velho, chamou-lhe a atenção; mas o moleque, não gostando da bronca, só por pirraça, não só tossiu como também cuspiu sobre o quitute. Outro santinho, alegando não ter intenção de comer daquele doce, colocou uma pedrinha dentro. Daí em diante, o quê se puder imaginar, que tenha sido feito no preparo daqueles doces, é pouco.

Após a cerimônia de casamento, os moleques ficaram de longe, à espreita para ver qual o parente ou qual convidado comeria esse ou aquele doce, tão caprichadamente preparado por eles. Aos poucos, à medida em que os adultos se afastavam da mesa, que além de doces continha bolos de fubá, pamonha e carnes diversas, a criançada foi-se aproximando da mesa, sem o menor interesse em tocar qualquer dos doces porque, àquela altura dos acontecimentos, nem mesmo eles conseguiam diferenciar qual daquelas gostosuras fora ou não fora por eles batizada.

De repente, um menino mais atentado xingou o outro, o qual, em revide, atirou-lhe uma ambrosia que,

por infelicidade, atingiu outro garoto que revidou de imediato, lançando um olho de sogra sobre o agressor. Em poucos minutos, instalou-se no terreiro uma verdadeira guerra de doces, bolos e tortas, sob o olhar complacente de diversos convivas e parentes. Quando tudo se acalmou, a parede da casa estava novamente rebocada com manchas de diversas cores: creme, laranja, vermelha, verde, marrom, etc.

Quando a noite caiu, enquanto os noivos se dirigiam para uma das casas da fazenda para dar início à lua de mel, aqueles que sabiam dançar foram para a sala principal e se divertiram até altas horas, ao som roufenho de um toca-fitas de pilha que, com o passar das horas, ficava mais roufenho e mais lento. As crianças pequenas foram para a cama, enquanto os mais atrevidos se dirigiram sorrateiramente para o porão da casa, na tentativa de ver ou ouvir o que se passava no quarto de núpcias, onde os noivos desfrutavam o início da lua de mel.

Mas isso!!!. Isso já é outra estória!!!!!!

José Geraldo de Matos

Sede/Aud

jgmatos@sede.embrapa.br

Relação entre pesquisa e educação

Criada no governo militar, a Empresa de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, triplicou a produção agrícola no Brasil e fez chegar à mesa das pessoas mais simples, produtos que antes só eram consumidos pela elite dominante. Entre esses produtos, citamos a cenoura. Durante muito tempo, manteve os melhores cientistas e, como empresa pública, se fez respeitar por uma conduta zelosa com o erário público, tanto que em 30 anos de existência, nunca foi envolvida em escândalos de corrupção.

Como não poderia ser diferente, sua estrutura física cresceu e hoje está presente em quase todas as unidades da federação, sempre em busca da evolução e da adaptação

tecnológica, bem como do crescimento da produtividade. Atualmente, um quadro sombrio emoldura-se em sua permanência. Questionamentos e incertezas são constantes entre os empregados que amam essa Empresa, pois nos cortes do Orçamento Federal sempre ocorreram grandes perdas para a manutenção e novos investimentos em pesquisas.

Qual o país que, na linha divisória do progresso, renega ao seu povo pesquisa científica e educação de qualidade?

O que existe em comum com esses dois processos de transformação social?

É possível responder esse questionamento sem grande esforço, pois a falta de compromisso político e de

prioridade com os segmentos importantes para alavancar o avanço do Brasil são entraves cancerígenos, que imobilizam seu crescimento social.

Um grito de justiça e de respeito brada em boa parte de seus centros de pesquisa. Não queremos reivindicar somente salários justos, mas dignidade para trabalhar e desenvolver maneiras efetivas para combater a fome fisiológica de uma enorme população de famintos. É somente com comida que essa fome pode ser extinta, e para isso se faz necessário o aprimoramento tecnológico que dê suporte aos pequenos e grandes agricultores, e isso a Embrapa tem buscado em sua trajetória.

Fome de saber, cidadania e

cultura somente é alimentada por meio da educação e da apreensão do conhecimento, e observa-se que a educação e a pesquisa científica para produção de alimentos devem estar cada vez mais qualificadas no sentido efetivo de se construir seu papel na interação sociocultural do homem.

Enquanto os representantes políticos não saírem de sua "torre de marfim" e se fizerem presentes na defesa da pesquisa e da educação, o Brasil nunca sairá do submundo do analfabetismo, da miséria fisiológica e cultural que nos causa vergonha e revolta.

Leida Etelvina da Silva

Embrapa Rondônia

leidaetelvina@bol.com.br

Cantinho da Poesia e da Música

Dimensões

A poesia,
Que você falou que já era,
Já existiu, já existia.
Talvez fosse um esboço
Do que eu fui.
Do que eu vivi,
Do que eu sentia.

A poesia,
Se concreta,
Não tem amor, ela é vazia.
... mas meu ontem é eterno
E o meu hoje...
Um pôr-do-sol à luz do dia.

A poesia,
É uma bebida
Que enlouquece, e extasia.
Tem um quê de paixão e de loucura,
Um toque de real e fantasia.

A poesia,
É um folguedo
Que brinca na alma com alegria
É uma gargalhada doida...
Divertida...
Ao te olhar e ver,
Que a poesia, a mais linda,
Está em você...
É a tua vida!

Leida Etelvina da Silva
Embrapa Rondônia
leidaetelvina@bol.com.br
Rondônia, RO

O Brasil que dá gosto

*Gostar é ter prazer, sentir agrado, satisfação
É encher de gozo a alma, a transbordar o coração
É muito mais que o eu, é a plenitude, é a comunhão
É o amar ao próximo, compartilhando o peixe e o pão.*

*Dá gosto ver o homem alegre, feliz e satisfeito
Não com esmolas ou, de favores, as ninharias
Mas, por seu trabalho, em altivez erguer o peito
E poder dar aos seus, um digno pão todos os dias.*

*Brasil gostoso, já não é lenda ou fantasia
É o desafio, é a intrepidez e a ousadia
De fazer hoje, do amanhã um novo dia
Que dê a todos, mais do que pão, cidadania.*

Samuel Silva da Mata
Embrapa Tabuleiros Costeiros
damata@cpatc.embrapa.br
Aracaju, SE

Azul

O sol estala os dedos,
Sobre as ondas indo e vindo.
O mar é azul.
O amor é lindo.

O vento encrespa as ondas,
O mar explode rindo.
O céu é azul.
O amor é lindo.

A luz reflete-se na água,
Como o cristal sorrindo.
O teu olhar é azul.
O amor é lindo.

O amor toca o luar.
Você fica sorrindo.
A vida é como o mar.
O azul é lindo.

Rachel Gueller Souza
Embrapa Florestas
rachel@cnpf.embrapa.br
Colombo, PR

Métodos quantitativos na Embrapa

Este é o título da publicação por nós veiculada na Embrapa, que relata a história dos métodos quantitativos na Empresa e sua cronologia e perspectivas para o futuro.

A expressão Métodos Quantitativos na Embrapa veio a consolidar os métodos que servem como um ferramental de apoio e desenvolvimento da pesquisa, onde se insere a pesquisa agropecuária. Isso visando a qualidade da mesma e de seus produtos.

Costuma-se dizer que “métodos quantitativos constitui-se numa necessidade mal compreendida”, pois ao contrário de muitas interpretações, envolve a complementaridade dos enfoques reducionistas e sistêmicos, com ferramental metodológico de apoio e suporte às atividades de C&T (Ciência e

Tecnologia) numa instituição.

Estão no escopo dos métodos quantitativos as áreas de Estatística, Pesquisa Operacional (Sistemas), Biometria, Econometria, Computação Científica, Sistema de Informação, etc. A importância de seu papel na pesquisa é fundamental, aparecendo no seu planejamento, na execução e na avaliação de seus resultados.

Por conseguinte, veja-se: dentro do enfoque de P&D, a questão inicial é O que pesquisar? A resposta a essa pergunta envolve uma consulta a todos os componentes do negócio agrícola, visando identificar e priorizar as demandas por tecnologia. Essa consulta requer a definição dos clientes representativos e a seleção de uma amostra representativa para a consulta. Aí, os métodos quantitativos estão presentes nos métodos de amostragem, nos

questionários que fazem a inferência nos levantamentos e pesquisas de opinião, nos bancos de dados e nas técnicas estatísticas.

Priorizadas as demandas para a pesquisa e os problemas que requeiram soluções tecnológicas é o momento de planejar o projeto de pesquisa, cujo componente mais importante é a metodologia da pesquisa. O planejamento de um projeto envolve a aplicação de procedimentos estatísticos específicos e adequados, visando testar a hipótese formulada. Aqui, a importância dos métodos quantitativos cresce à medida que aumentam as variáveis a serem avaliadas, em função da qualidade da pesquisa. A qualidade é importante e por isso os métodos quantitativos também o são.

Uma vez executado um projeto, depara-se com uma grande

quantidade de informação a ser analisada e interpretada, por meio de métodos biométricos, econométricos e sóciométricos, visando tirar as conclusões científicas da pesquisa.

Em países desenvolvidos, Estados Unidos, por exemplo, os Departamentos de Métodos Quantitativos têm a função que o ex-Departamento de Métodos Quantitativos da Embrapa se propunha a fazer, e que com muita eficiência realizou. A pouca compreensão do que seja Ciência & Tecnologia muito tem dificultado os métodos quantitativos na Embrapa.

Enedino Corrêa da Silva
Eng. Agrônomo, pesquisador
aposentado da Embrapa e
professor universitário

“Diabinhos verdes”

Na visão de quem conhece – pelo menos um pouco – o que é biotecnologia, não há dúvida sobre sua importância para a agricultura brasileira, para ficar só no que nos diz respeito. E quando se fala em biotecnologia, logo se associa a transgênicos. Por um longo tempo, a palavra “transgênico” tornou-se sinônimo de desamor à natureza, de entreguismo e de submissão aos poderes das multinacionais produtoras de sementes.

Era (é) moda ser contra os transgênicos. Quantas vezes ouvi essa frase! QUE FRASE? Certa vez, perguntei a um amigo: “Você sabe o que é transgênico?”. Ele engasgou-se, relutou e respondeu, simplesmente: “É uma coisa ruim para nossa saúde, para a natureza e para o Brasil!”. Boa resposta, se ele tivesse argumentos para defendê-la.

Mas, de onde saiu tal resposta? Acho que foi por um erro de estratégia. Vejamos: o primeiro produto transgênico lançado no Brasil, foi a soja resistente ao herbicida Roundup Ready, ou simplesmente RR. Foi introduzido um gene na soja, que a deixava resistente ao produto químico. Quando aplicado, só as ervas daninhas “morriam”. Sem a concorrência do mato, a soja desfrutaria de todo o “alimento” do solo, tornando-se mais

produtiva e reduzindo as aplicações de produtos químicos.

Até aí, tudo bem. Só que a patente do gene da resistência pertencia a uma multinacional norte-americana e o agroquímico também era fabricado pela mesma empresa. Pronto! Era o argumento que faltava para “satanizar” os transgênicos. Nasceram aí os “diabinhos verdes”, criados em laboratório para “monopolizar” o comércio de sementes, para vender muito RR e tornar o nosso País, que já despontava como o maior produtor mundial de soja, dependente, além, dizia-se, de ser maléfico à saúde e ao meio ambiente. O pior é que generalizaram. Os objetivos “secretos” de todos os transgênicos eram esses!

São argumentos perfeitamente aceitáveis num país que nasceu colônia e suas riquezas naturais fluíram pelo ralo, para enriquecer o colonizador, até quase à extinção. “Gato esquentado tem medo de água fria”! Essa polêmica, no entanto, não foi em vão! E a soja? Pobre soja! Como a maioria dos produtos que chegam à nossa mesa, ela também não é brasileira. Veio da Ásia, acostumada com o frio e, aqui, à custa de muito estudo e pesquisa envolvendo instituições públicas e privadas, principalmente a Embrapa, ela foi “tropicalizada” e hoje é plantada de Norte a Sul, tornando-se nosso principal

produto de exportação – o fiel da balança –, colocando o Brasil como o maior produtor e exportador mundial, inclusive das tecnologias de produção.

Ah, sim! Outro argumento era de que se o País conseguiu ser o maior produtor mundial utilizando só a soja convencional, para que transgênicos? Esse era um argumento perigoso porque, se aceito, nossos pesquisadores – que não devem nada em termos de inteligência e de preparo acadêmico a nenhum cientista de qualquer país do mundo, se lhes derem condições de trabalho – estariam “engessados” para desenvolver aquilo para o qual se prepararam a vida toda. Aí sim, nos tornaríamos, no futuro, dependentes de tecnologia gringa, pois os demais países continuarão pesquisando e avançando tecnologicamente.

Outro grave erro é a generalização. Nós (Embrapa) temos pesquisas avançadas envolvendo produtos transgênicos como mamão, batata, algodão, feijão – dentre outros – que depois de testadas e aprovadas vão enriquecer nutricionalmente alguns alimentos, acrescentar vacinas, torná-los resistentes a doenças e pragas, diminuindo ou eliminando a aplicação de produtos químicos (venenos). Esses produtos, conhecidos por defensivos, são realmente prejudiciais, porque eliminam seres vivos existentes no solo,

nas matas, nos rios e minam gradativamente nossa saúde.

Ontem, 5 de fevereiro, de madrugada, é bom que se diga, o Congresso Nacional aprovou a Lei de Biosegurança. O grande avanço foi o de permitir as pesquisas com transgênicos. Agora, o cientista pode trabalhar sem o risco de ser considerado um fora-da-lei ou um anticristo. Contudo, a mobilização popular também saiu ganhando. A nova Lei assegura uma rígida fiscalização na comercialização e no uso dos produtos transgênicos. E com certeza ela pode ser até melhorada no Senado.

Um dia desses, acompanhando um grupo de estudantes que visitava o Cenargen, atendi a um insistente pedido do grupo. Eles queriam conhecer a soja transgênica. Quando viram que era igualzinha à outra, deu para perceber, nos seus olhos, a decepção ao constatar que ela não tinha rabinho de flecha, chifrinho, nem cuspiu fogo. Acho que muita gente precisa ver de perto essas coisas. Afinal, quem poderia ser a favor dos venenos aplicados nos alimentos que comemos? Está feito o convite!

Edvalson Bezerra Silva (Mocoin)
Embrapa Cenargen
mocoin@cenargen.embrapa.br